

A Visão da “Guerra Total” no Pensamento Militar

Antônio Paulo Duarte

Doutor em História Institucional e Política Contemporânea pela UNL

Resumo

Este texto procura ser uma aproximação a uma teoria da Guerra Total. Distingue o conceito de guerra do conceito de Guerra Total e explicita a origem e a genealogia do termo. A Guerra Total diferenciar-se-ia da guerra pela integração/fusão da política e da estratégia, pela desmesura do objectivo, virtualmente inatingível e pela mobilização completa e global de cada sociedade envolvida. A Guerra Total apenas se consegue consubstanciar no extermínio do adversário, na sua abolição. Neste sentido, defende o texto, a Guerra Total é o cume absoluto da guerra, no seu sentido mais puro e duro.

O artigo faz ainda uma análise sintética da leitura que cada uma das grandes potências efectuou da Guerra Total. As percepções distintas de cada potência, reflectiram a forma como cada uma travou a II Guerra Mundial e enfrentou, no caso dos potentados vencedores, a Guerra Fria. Na realidade, inicialmente, a experiência da Guerra Total, marcará a visão da guerra futura na Guerra Fria.

Abstract

This text aims to be an approach to a theory of Total War. It distinguishes the concept of war from the concept of Total War and explains the origin and the genealogy of the term. The Total War would differ from war by the integration/fusion of politics and strategy, by the outstanding measure of the objective virtually unattainable, and by the mobilisation, complete and global, of each society involved. The Total War only manages to consubstantiate itself in the extermination of the adversary, of its abolition. In this sense, as stated in the text, Total War is the absolute edge of war, in its most pure and hard sense.

The article also makes a synthetic analysis of the reading each of the great powers has made of Total War. The distinct perceptions of each power has reflected the way each one has fought II World War and has faced, in the case of the winning powers, the Cold War. In reality, initially, the experience of Total War will imprint the Cold War vision of future war.

Introdução

O objectivo que nos traz aqui tem por fito analisar a visão da Guerra Total no pensamento militar/estratégico, salientando desde já que este conceito é fluido e fugidio, quer na interpretação que dele se fez ao longo da História, quer mesmo nas suas origens.

Observe-se desde já, que a análise de um conceito não é um estudo vazio, antes pelo contrário, entronca na construção da política militar de defesa. Na realidade, todo o planeamento estratégico-militar deriva da visão que se tem da guerra futura, que resulta de uma interpretação teórica sobre a/as guerra/as passada/as e as suas possibilidades de evolução. Visto que, no cerne da visão de guerra futura (quer no pós-Grande Guerra, quer na primeira fase da Guerra Fria), estava a noção de Guerra Total, da compreensão mais lata ou menos global da mesma, derivaria a concepção de defesa militar que se pretendia implementar. Nesse sentido, da leitura e interpretação do que era a Guerra Total, derivava a visão de qual a política de defesa que devia ser implementada.

Far-ser-á assim, a análise do que poderá ser um conceito de Guerra Total. Antes de ir ao conceito propriamente dito, como ponto de partida do estudo do mesmo, analisar-se-á quer as origens do conceito, quer a sua genealogia histórica e a sua compreensão pelas diversas culturas militares das principais potências: a anglo-saxónica (EUA e GB), a alemã, a russo-soviética e a francesa. Subsequentemente a esta análise necessariamente resumida, desenvolver-se-á, então, uma visão, o mais lata possível, do que se deve entender por Guerra Total.

O Conceito de “Guerra Total”

1) *As Origens do Conceito de Guerra Total*

Segundo Jean Yves Guioimar, a primeira vez que se referiu o conceito de Guerra Total numa obra, foi em 1918, no livro de Leon Daudet, que se denominava precisamente “A Guerra Total” (*La Guerre Totale*)¹. Sven Lundquist, afirmando igualmente que a origem do conceito se deve a Leon Daudet e à obra já referida, indica que o autor extraiu a ideia do título de uma outra obra, “As Guerras do Inferno” (*Les Guerres d’Enfer*)

1 Cf. Jean-Yves Guioimar, *L’Invention de la Guerre Totale*, Paris, 2004, p. 12.

de Alphonse Séche, que terminava profeticamente afirmando que as guerras modernas visavam cada vez mais o aniquilamento e o extermínio². É por isso, assim parece, no contexto de uma guerra apocalíptica como foi a Grande Guerra, que surge o conceito de Guerra Total.

A Grande Guerra caracteriza-se pela mobilização global e integrada das sociedades. Não é só uma questão de recursos humanos e demográficos, mas de impacto global e intenso da guerra nas sociedades que a viveram e que, segundo Stéphane Audoin-Rouzeau e Jean Jacques Becker, continua tão intensamente presente hoje na memória e no coração dos europeus³. Mesmo em termos económicos, ela rompe com a tradição e abarca, numa linguagem Braudeliana, toda a “vida material” das sociedades, quando até então fora só uma questão do jogo do “capitalismo”⁴. A Grande Guerra é assim tocada por múltiplas questões que sobrepõem a mera problemática militar, nomeadamente, e pela sua centralidade, o problema “material”, ou seja, a questão da sustentabilidade económica dos blocos em causa e o dilema ideológico que com a Revolução Russa ganharia níveis paroxísticos.

É neste contexto que é publicada a obra *La Guerre Totale* de Leon Daudet. Segundo Jean Yves-Guimar, nesta obra, Leon Daudet acusava a Alemanha de ter preparado uma “Guerra Total”, mobilizando para ela, não só as forças militares, mas os seus vastos recursos económicos, financeiros, comerciais, jurídicos, intelectuais e políticos, as suas tradições e códigos civilizacionais, apelando a que a França também o fizesse para poder rebater o poderio germânico⁵. Temos assim que a característica que para Leon Daudet define a “Guerra Total” é a mobilização de toda a sociedade com vista ao confronto entre as nações.

2 Cf. Sven Lundquist, *Historia de los Bombardeos*, Madrid, 2002 (ed. Sueca de 1999), nota 134.

3 Cf. Stéphane Audoin-Rouzeau e Jean Jacques Becker, “Introduction” in Stéphane Audoin-Rouzeau e Jean Jacques Becker, *Encyclopédie de la Grande Guerre, 1914-1918*, Paris, 2004, p. 14.

4 Fernand Braudel considerou três níveis da realidade económica ao longo da Era moderna e dos inícios da Era contemporânea: o capitalismo, dominado pela lógica monetária e pelo dinheiro; o universo do jogo das trocas, que tanto podiam ser capitalistas como não; o universo da vida material que toca em toda a realidade da subsistência e da realidade material dos homens. Até à Grande Guerra, a questão económica das guerras era essencialmente uma questão financeira, “o nervo da guerra era o dinheiro”, em suma, fundamentalmente uma questão ligada à economia capitalista. Com a Grande Guerra, contudo, passou a tocar na questão essencial da sobrevivência da vida material e existencial das sociedades. Sobre a lógica de Braudel, Cf. Fernand Braudel, *A Dinâmica do Capitalismo*, 2ª Ed., Lisboa, 1986, p. 49-50. Quanto ao impacto da Grande Guerra na realidade económica e seu alargamento a múltiplos e amplos segmentos da vida material, Cf. Gerd Hardach, *the First World War*, Londres, 1987 e Georges-Henri Soutou, *L’Or et le Sang, Les buts de guerre économiques da la Première Guerre Mondiale*, Paris, 1989.

5 Cf. Jean-Yves Guimar, *Op. Cit.*, pp. 12-13.

Num certo sentido, Leon Daudet mais não faz que, perscrutando a realidade tensa e intensa em que vive, explaná-la por escrito com um pormenor interessante, a de julgar a atitude do inimigo pela sua. Seja como for, ele toca num problema central da Guerra Total que é a disseminação do impacto da guerra e da mobilização da força de combate por toda a sociedade. Para Leon Daudet, é a concentração de toda a sociedade num jogo paroxístico da guerra que caracteriza a Guerra Total, já não é um embate clássico entre forças militares, mas um duelo entre sociedade nacionais.

A obra, bem mais conhecida e referida de Erich Luddendorff, “A Guerra Total” (*Der Total Krieg*) vem reforçar esta visão da Guerra Total e dar-lhe uma ainda mais tenebrosa perspectiva. Se a Guerra Total é uma guerra que obriga à mobilização global e total das sociedades nacionais com vista a um enfrentamento entre povos, o seu corolário não pode ser senão o extermínio e o aniquilamento do derrotado. A Guerra Total, para Luddendorff, é assim um choque total dos contendores em luta, plenamente engalfinhados, com todos os seus recursos e forças, até à morte de um deles. A Guerra Total emerge assim como um duelo de morte. Luddendorff, sem o saber, adivinhava a “catástrofe alemã” de 1945⁶. Tal como Leon Daudet, também Erich Luddendorff reconhece na Grande Guerra, a matriz da Guerra Total. Foi a Grande Guerra que obrigou à mobilização da Nação, exigindo a sua militarização, com vista à luta de morte com que tinha de se confrontar. Esta militarização da nação consubstanciava na unidade povo-exército e na chefatura única e total da nação: um líder, um povo, uma unidade absoluta com vista à Guerra Total⁷.

A este factor político-militar outro se reúne. A Grande Guerra demonstrou o papel central da realidade material, do factor industrial e tecnológico, da máquina como substituto do homem⁸. A filosofia alemã, desde Nietzsche pelo menos, mais tarde com Heidegger e Junger, tornou central ao seu discurso a complexa relação entre a técnica e o totalitarismo. Junger, principalmente, fez da análise da Grande Guerra e do impacto da técnica nesta, um dos elementos para a compreensão do Mundo moderno, para a afirmação de um universo onde a técnica dominando o homem, o subordina ao seu *pathos*, aniquilando o indivíduo e com ele a possibilidade de liberdade. Para o autor, apesar de tudo, o “mito” do soldado desconhecido ainda podia fazer perviver o ideal de heróis conquistadores de mundos ígneos, coisa que a Segunda Guerra Mundial, puramente mecâ-

6 Cf. Erich Luddendorff, *A Guerra Total*, Rio de Janeiro, 1941 (a edição alemã é de 1935).

7 Idem.

8 Idem, *Ibidem*.

nica e automatizada inviabilizava. Era, paradoxalmente para Junger, o triunfo total da lógica da Guerra Total⁹.

Desponta assim perante nós a ideia, que as origens do conceito de Guerra Total se ancoram na Grande Guerra e na II Guerra Mundial. Contudo, observado a partir da História, será que a Grande Guerra se comportou como uma Guerra Total segundo o preceito de Leon Daudet e de Erich Luddendorff? Não será que a teoria estava um tanto à frente na sua obsessão pelo afrontamento total e que, na realidade, a mobilização nacional teve os seus limites e as suas delimitadas possibilidades? Note-se que, quer a obra de Leon Daudet quer a de Erich Luddendorff, são apelos a uma maior mobilização das sociedades nacionais respectivas, indiciando que a mobilização que eles teoricamente defendiam, na prática estava aquém do exigido.

Para ir mais longe na análise, não basta ficar pela origem do conceito, mas ir à genealogia da guerra que deu origem à noção, ou por outras palavras, o que fez com que a Grande Guerra fosse vislumbrada como uma guerra de tal modo diferente das outras que justificava apelidá-la e adjectivá-la de (Guerra) total. Cabe então analisar a genealogia da Guerra Total, ou seja, da Grande Guerra e da II Guerra Mundial.

2) *A Genealogia da Guerra Total*

Se, como se vislumbrou, o conceito de Guerra Total nasce com a Grande Guerra, então, o que é que torna tão distinta a Grande Guerra para fazer eclodir a noção de um modo de guerra diferenciado dos de antanho? A genealogia da Guerra Total exige então que se perscrute os fenómenos agónicos que diferenciaram a Grande Guerra das guerras até então havidas. Não basta, no entanto, assentar a análise na Grande Guerra, mas ir um pouco antes e observar os mecanismos que levaram igualmente à eclosão da Grande Guerra.

A Grande Guerra emerge de um conglomerado de elementos que tiveram a sua origem nas profundas mutações acontecidas durante o século XIX, produto das Revoluções Industrial e Liberal-Democrática. Por um lado, a industrialização com a sua lógica de massificação produziu sociedades dotadas de altos níveis de integração e segmentação funcional, fortissimamente organizadas e coesas, o que facilitou em

⁹ Veja-se por exemplo, Ernest Junger, *O Passo da Floresta*, Lisboa, pp. 28-9; e também a introdução de Alexandre Franco de Sá, "Confrontação com Ernest Junger", in Ernest Junger, *O Trabalhador, Figura e Dominação*, Lisboa, 2000, pp. 23-39.

tempo de guerra a mobilização atempada e maciça das Forças Armadas e dos meios de suporte destas. Por outro lado, essa mesma massificação industrial, facilitou o processo de integração nacional, de difusão de uma visão integrada e única da História e da identidade nacional¹⁰. Facilitou, mas não foi condição *sine qua non*. Procurando perceber a razão pelas quais muitos historiadores consideram que a Revolução Francesa, desde 1793, levou a cabo uma “Guerra Total”, Jean-Yves Guiomar observa que foi a unidade do político e do militar, consubstanciada na Convenção por Saint-Just e mais tarde por Napoleão no Consulado e no Império, que possibilitou a transformação de uma guerra clássica numa aproximação a uma Guerra Total¹¹. Neste caso, temos também a combinação de dois factores: a integração do político e do militar, da mesma maneira que a industrialização integra a nação e o poderio económico. A integração destes diversos factores vai acentuar-se a partir de 1871, após a derrota da França face à Prússia/Alemanha.

A integração da identidade nacional, política e económica, ideológica e militar acentuar-se-á de forma definitiva. O nacionalismo torna-se, concomitantemente com o socialismo, a ideologia dominante, ambos apelando às massas e integrando estas numa única identidade, a nação ou o proletariado, reforçando a identificação e a unificação do político numa totalidade, reflectindo igualmente a lógica integradora, holista do processo industrial¹².

É esta integração global das sociedades, económica, política, social e identitária que facilita o processo de mobilização militar e o alargamento da racionalidade do conflito. Mas foi preciso chegar ao conflito para se perceber, na sua totalidade, o impacto dessa integração. De facto, a despeito de anteriormente à eclosão da Grande Guerra, se reconhecer que o futuro conflito seria nacional e oporia as nações umas às outras, esta dicotomização identitária era substantivada num duelo clássico entre forças militares. As nações duelizariam, confrontando massas mobilizadas de forças militares, que pela sua dimensão integrariam a totalidade da nação no conflito¹³. Só com a eclosão

10 A relação entre industrialização e coesão/identidade nacional é referida por exemplo em Ernest Gellner, *Nações e Nacionalismo*, Lisboa, 1993, pp. 37-55.

11 Cf. Jean Yves-Guiomar, *Op. Cit.*, Cap. II.

12 Jean-Yves Guiomar mostra de forma avassaladora como o período posterior a 1871 dinamiza a integração da nação, do político e do militar, *Op. Cit.*, Cap. IV. Quanto ao processo de integração nacional e o dinamismo industrial, veja-se por exemplo, Robert B. Reich, *O Trabalho das Nações*, Lisboa, 1993, pp. 39-75.

13 Sobre este assunto, Cf. Jean-Yves Guiomar, *Op. Cit.*, pp. 266-68, e também Marechal Foch, *Mémoires*, I Vol., Paris, 1931, pp. XVII-XX.

da Grande Guerra e a dinâmica do conflito se perceberia até que ponto a integração das sociedades impunha uma abordagem global da guerra.

De acordo com a leitura de Jay Winter, a condução da Grande Guerra pelos diversos beligerantes pode ser divisada em três grandes níveis: um político (ou político-ideológico), um económico e um estratégico. Para este autor, a dimensão política da Grande Guerra, assume-se em duas grandes linhas: a do reforço da identidade nacional visando assegurar a vontade de luta; e a da reformulação da estrutura política progressivamente transformada numa administração. Em ambos os casos, há um reforço da identidade nacional e da identificação entre o poder político/Estado e a nação¹⁴. Observe-se de novo, que uma das características centrais da Guerra Total é, na óptica de Jean-Yves Guiomar, a integração e unificação, mesmo a identificação do político com o militar¹⁵. Mas esta integração do político, do militar e da nação, faz imiscuir na racionalidade do embate, outra bem mais terrível. Se o objectivo da força armada é o de aniquilar, na batalha, o adversário, se a batalha se apresenta como um choque violento entre duas forças fisicamente presentes, então, em última *ratio*, o enfrentamento entre nações implica sempre a vontade de aniquilamento da adversária¹⁶.

A esta dimensão Jay Winter acresce as dimensões económicas, também aqui numa visão alargada, já não só relativa à dimensão financeira, mas à questão central dos recursos e da sua distribuição, em economias fortemente integradas. O problema da sustentabilidade dos recursos e da sua distribuição é fundamental, e Jay Winter termina por afirmar que o sucesso da política económica de guerra assenta também na distribuição mais equitativa de recursos pelos civis e pelos militares¹⁷.

Quanto à questão estratégica, também a sua interpretação deve ser alargada, obrepasando as questões estritamente militares, para assumir dinâmicas políticas (atrair aliados) e ideológicas (subverter o inimigo). Como termina por dizer o autor, a vitória deriva da combinação de recursos materiais com o apoio da opinião pública, para além do esforço militar¹⁸. É no rescaldo da Grande Guerra, e vislumbrado, muitas vezes

14 Cf. Jay Winter, "L'Effort de Guerre", in Stéphane Audoin-Rouzeau e Jean Jacques Becker, Dir., *Encyclopédie de la Grande Guerre*, Paris, 2004, pp. 409-412.

15 Cf. Jean-Yves Guiomar, *Op. Cit.*, pp. 287-9, na conclusão da obra, como excelente síntese da perspectiva do autor.

16 A ideia de aniquilamento do inimigo torna-se comum na literatura do final do século XIX. Inúmeros relatos ficcionados de guerra entre civilizações terminam com o desaparecimento de raças e civilizações inteiras. Cf. Sven Lundquist, *Op. Cit.*, ponto 55 e seguintes.

17 Cf. Jay Winter, *Op. Cit.*, pp. 412-14.

18 *Idem*, pp. 414-19.

mais do que totalmente compreendido, que surge, como já se notou, o conceito de Guerra Total. Mas, como sobreavisa Hew Strachan, a propósito do conceito de Grande Estratégia aplicado à Grande Guerra, também a aplicação automática da noção de Guerra Total à I Guerra Mundial deve ser usada circunspectamente¹⁹. As ilações retiradas pelos diversos actores estratégicos da Grande Guerra, permite-nos entender melhor o impacto desta nas conceptualizações da “Guerra Total” assim como abrir portas a uma mais abrangente interpretação do conceito.

3) A Leitura e a Interpretação da Guerra Total no rescaldo da Grande Guerra

Para facilitar a síntese, é talvez conveniente apresentar a interpretação que os diversos decisores estratégicos institucionais fazem da Grande Guerra e da “Guerra Total” à luz de um conceito chave, de uma ideia força, que funciona como metáfora ou arquétipo da sua racionalidade estratégica. Assim, para os anglo-saxões (EUA e GB) a Guerra Total é, antes de mais nada, uma questão de **recursos**; para os franceses o assento é dado ao **fogo**, enquanto que para os alemães o que sobressai é a **dinâmica do material** e para os soviético-russos o acento é na **massa** (física e geográfica).

3.1.) Os Anglo-Saxões e o Conceito de Guerra Total

Num certo sentido, a leitura da Guerra Total na Grã-Bretanha combina a visão tradicional da concepção estratégica britânica e o impacto da novidade do choque global e integrado da Grande Guerra. Não deixa de ser sintomático que, no rescaldo da Grande Guerra, personagens como Liddel Hart e S. Fuller apelem ao retorno à tradição estratégica da Grã-Bretanha, recusando o empenhamento continental e pugnando por aquilo a que hoje se denominaria de Estratégia (Geral) Indirecta, ou seja, pelo isolamento e cerco do adversário, que seria amaciado através de operações militares com forças ligeiras em zonas periféricas, e desgastado através de uma guerra econó-

¹⁹ Para Hew Strachan, a noção de Grande Estratégia implica a integração da estrutura política e da estrutura estratégica num quadro institucional, facto que só pode ser visualizada para o fim da Grande Guerra e nem em todos os países. Cf. o autor, “Stratégie”, in Stéphane Audoin-Rouzeau e Jean Jacques Becker, Dir., Encyclopédie de la Grande Guerre, Paris, 2004, pp. 421-424. Relembre-se igualmente a ideia de Jean-Yves Guiomar que caracteriza a Guerra Total como aquela que integra a dimensão política e a dimensão militar num todo único.

mica, contando-se ainda com o apoio de aliados que poderiam fornecer os meios para travar uma luta continental, obstando-se assim a grandes empenhamentos de forças terrestres britânicas²⁰. A visão de Fuller e Liddell Hart era acompanhada por muitos estrategistas britânicos.

No cerne da visão liddeliana e Fulleriana estava a ideia de que a Grande Guerra e a Guerra Total eram guerras de usura, assentando na sustentabilidade do esforço de guerra, que seria melhor conseguido, se fosse aplicada a estratégia clássica da Grã-Bretanha. Desgastar o inimigo através de aliados e acções periféricas, dominar o mar e o comércio mundial, que servia para arruinar progressivamente o esforço económico e militar do adversário ao mesmo tempo que sustentava o nosso. Como observa John B. Hattendorf, a estratégia britânica desde o século XVIII assentava em três pólos: alianças, cerco e atricção²¹. Numa guerra global, como no fundo era a Guerra Total, o cerne da Estratégia devia ser os recursos, visto que em última análise, se tratava de uma guerra de usura, onde o vencedor final seria aquele que melhor assegurasse a sua sustentabilidade. A mobilização nacional devia por isso centrar-se na problemática da sustentabilidade do esforço de guerra, ou seja, dos recursos.

A despeito de uma visão diferente, também para os estrategas dos EUA, a questão dos recursos era central. Contudo, neste caso, a questão derivava menos da ideia de uma “guerra de usura” que da Guerra Total ser: 1º) uma guerra de massas²², 2º) uma guerra industrial, onde o domínio pertenceria ao mais forte poder demográfico e económico-tecnológico. Para o pensamento estratégico norte-americano, a questão não era desgastar o inimigo, mas sim vencê-lo, o mais rapidamente possível, concentrando o maior poder bélico que se conseguisse criar; este maior poder bélico resulta e deriva de se dispor dos mais vastos recursos demográficos-económico-tecnológico-militares, de uma sobreabundância de poder (de recursos) que

20 Sobre a perspectiva de Liddell Hart, Cf. o próprio, *As Grandes Guerras da História*, 4ª Ed., S. Paulo, 1991 (da edição de 1954), pp. 441-444. Sobre Fuller e também Liddell Hart, Cf. a introdução de David E. Johnson, *Fast Tanks and Heavy Bombers, Innovation in the U.S. Army, 1917-1945*, pp. 5-6.

21 Cf. John B. Hattendorf, “Alliance, Encirclement and Attrition: British Strategy in the War of Spanish Succession, 1702-1713”, in Paul Kennedy, Ed., *Grand Strategies in War and Peace*, New Haven e Londres, 1991, pp. 11-29.

22 Na realidade, entre-as-guerras, a visão dos planeadores estratégicos dos EUA caracterizava a Guerra Total como uma guerra de massas, estando, no cerne, a necessidade de mobilizar o mais vasto exército de massas possível. Cf. David E. Johnson, *Op. Cit.*, passim. De qualquer modo, a lógica dos planeadores estratégicos dos EUA continuava centrada na lógica dos recursos, só que os recursos essenciais não eram as massas industriais-tecnológicas, mas as massas populacionais.

facilita o mais rápido domínio do adversário. No fundo, visa-se o embate do forte ao forte, concentrando sobre o inimigo uma tamanha superioridade material, que permita uma estratégia operacional de atrição que o dizime prontamente²³.

Hoje, a mesma lógica está presente no planeamento estratégico dos EUA, só que em vez de poderio tecnológico-industrial ou das massas demográficas, a essência da usura está no domínio das comunicações, de onde deriva a vitória; domínio do espectro electro-magnético, domínio das comunicações, domínio do inimigo.

Assim, quer para os britânicos, quer para os norte-americanos, a emergência da Guerra Total com a Grande Guerra, fez assentar o pensamento estratégico na problemática dos recursos. Os recursos são o eixo à volta do qual se deve planear a guerra global. Destruir os recursos do inimigo, através da sobreabundância dos nossos, é o princípio subordinante da estratégia da Guerra Total no mundo anglo-saxão.

3.2.) O Poder de Fogo como significado da Guerra Total

O crescimento demográfico francês foi dos mais pobres no século XIX. Enquanto a Inglaterra duplicou a sua população e a Alemanha a triplicou, a França viu-a crescer apenas um terço. A mortandade gerada pela Grande Guerra foi por isso catastrófica. Três quartas partes dos franceses mobilizados foram mortos, feridos ou aprisionados²⁴. Para os franceses, o cerne da experiência da Grande Guerra foi o enfrentamento do fogo, e o cerne da Guerra Total tornou-se o confronto com o poder de fogo industrial, a massificação do tiro, com os canhões/obuses de tiro rápido e as metralhadoras (curiosamente, duas invenções de origem francesa).

Para o Marechal Foch, a ofensiva desde a Grande Guerra, teria sempre de ser efectuada num terreno favorável e apoiada por fortíssimos fogos de artilharia, de outro modo, apenas se justificava a defensiva²⁵. De facto, no pós-Grande Guerra, no cerne da doutrina militar francesa está a problemática do fogo²⁶. É o fogo que legitima a primazia da defensiva sobre a ofensiva. É o fogo que explicita a construção da Linha Maginot, uma

23 Veja-se por exemplo, Cf. Bruno Colson, “Culture Stratégique Americaine”, in Gérard Chaliand e Arnaud Blin, Dictionnaire de Stratégie Militaire, Paris, 1998, pp. 129-145.

24 Cf. Jay Winter, “Victimes de la Guerre: Morts, Blessés et Invalides”, in Stéphane Audoin Rouzeau e Jean Jacques Becker, Dir., Encyclopédie de la Grande Guerre, Paris, 2004, p. 1078.

25 Cf. Marechal Foch, Op. Cit., p. 18.

26 “O fogo mata”, expressão atribuída a Pétain, tinha-se tornado o axioma do exército francês.

linha fortificada defensiva, apoiada no fogo e anti-fogo. É o fogo que afirma a racionalidade da “batalha metódica”²⁷.

Para os franceses, a problemática da Guerra Total passava pela problemática do fogo. A Guerra Total é, antes de mais, uma questão de poder de fogo. Face à sua fraqueza tecno-industrial e demográfica²⁸ quando comparada com a alemã, e tendo em conta a superioridade do fogo, à França só restava mobilizar-se para, potenciando o poder de fogo, travar a ofensiva germânica. No cerne do poder de fogo, como eixo da Guerra Total francesa, surge a problemática do mais poderoso vizinho, tão próximo das, à época, regiões mais ricas do hexágono. Era esta pressão continental tão próxima, tão pressionante, que favorece a valorização do poder de fogo como eixo da Guerra Total pensada pelos franceses. Na realidade, julgavam eles que o poder de fogo aumentando de forma acentuada a defensibilidade, protegia a França, por detrás de uma barreira ígnea.

3.3.) A Noção de Material na Significação da Guerra Total Alemã

Para os alemães, já se observou anteriormente, a Grande Guerra emerge como a Guerra Total através da lógica mecânica da guerra do material (*materialschaft*). A noção de material não deve aqui ser apenas pensada na sua significação de recursos como acontece no mundo anglo-saxão, mas em três dimensões, uma relativa aos recursos sem dúvida, outra relativa à tecnologia, e uma terceira, que de certo modo abarca as outras duas, que é a dinâmica (mecânica). A “guerra moderna”, a Guerra Total, emerge do aparecimento de formas mecânicas e industriais, maquinizando a guerra, maquinizando a lógica do combate, submetendo este à dinâmica da máquina²⁹. O soldado sem máquina, é impotente. A Guerra Total é, por consequência, a guerra das máquinas.

27 Cf. Eugenia C. Kesling, *Arming Against Hitler, France & the Limits of Military Planning*, Lawrence, 1996, pp. 172 e seguintes.

28 Havia 42.000.000 de franceses para 69.000.000 de alemães (76.000.000 quando incluída a Áustria em 1938). Saliente-se ainda que, em 1939, para 2.500.000 jovens em idade militar em França, havia 6.500.000 na Alemanha, uma proporção maior que a das respectivas populações.

29 Curiosamente, é esta lógica que possibilita aos alemães introduzir a comunicação na lógica estratégica militar. Sendo uma máquina com as suas possibilidades, a rádio-comunicação é outro instrumento derivado da maquinização da guerra. Como realçava o general Milch, a Blitzkrieg mais não era que a velocidade unificada pela rádio-comunicação. Cf. John Keegan, *Uma História da Guerra*, São Paulo, 1995, p. 381.

Como observa Luddendorff relativamente à Grande Guerra, uma das características centrais desta foi a progressiva substituição do trabalho humano pelo trabalho mecânico, dando como exemplo a metralhadora, na medida em que uma posição que tinha que ser defendida por um pelotão de infantaria, graças à metralhadora, podia ser protegida por muito menos homens. E termina por salientar que, desde que chegara ao GQG, fez o possível para substituir homens por máquinas³⁰. É esta visão que leva Michael Geyer a afirmar que, desde a Grande Guerra, o pensamento estratégico alemão substituiu a Estratégia (uma visão holista) pelo princípio tecnocrático (uma visão fragmentada, monocromática) substantivada na ditadura técnica do duo Hindenburg-Luddendorff com vista à condução de uma guerra de massas³¹.

Tenha-se em conta que, não obstante pugnar pela substituição do Homem pela máquina, Luddendorff tem a sabedoria de afiançar que a funcionalidade da máquina depende da capacidade do operador (do homem que a opera, que a domina), valorizando ainda assim em última análise o Homem³².

No cerne da visão da Guerra Total alemã, emerge a noção do material, como dinâmica da Guerra. A guerra do material é a guerra dinâmica, dinâmica porque a máquina é movimento, dinâmica porque a tecnologia é velocidade e instantaneidade da acção. Assim, refere Daniel J. Hughes, a doutrina alemã de entre-as-guerras visou restaurar a mobilidade na sequência da tradição militar prussiana, mobilidade que visava a batalha de aniquilamento e a destruição da força armada inimiga³³, mobilidade que insere e insere-se na dinâmica da guerra do material. A guerra do material, a guerra mecânica e maquinizada, a guerra da máquina é, intrinsecamente, uma guerra móvel, porque a maquinização da guerra impõe à guerra a mobilidade, o movimento, quinta-essência do industrialismo e da tecnologia. Assim, para os alemães, a Guerra Total é, por excelência, a guerra móvel, a guerra móvel porque é a guerra do material (da máquina industrial)³⁴.

30 Cf. Erich Luddendorff, *Op. Cit.*, pp. 120-121.

31 Cf. Michael Geyer, “German Strategy in the Age of Machine Warfare”, in Peter Paret, Ed., *Makers of Modern Strategy, from Machiavelli to the Nuclear Age*, Oxford, 1994 (1986), pp. 538 e seguintes.

32 Cf. Erich Luddendorff, *Op. Cit.*, p. 121. Ora, como refere Michael Geyer, com Luddendorff desenvolve-se uma organização funcional da violência e aposta-se no uso optimizado do armamento desenvolvendo-se, para isso, novas tácticas. Cf. o autor, *Op. Cit.*, pp. 541-2.

33 Cf. Daniel J. Hughes, “Blitzkrieg” in Franklin D. Margiotta, Ed., *Brassey’s Encyclopedia of Land Forces and Warfare*, Washington e Londres, 1996, pp. 156-61.

34 Karl Heinz Frieser, um crítico acerbo da doutrina militar alemã anterior à II Guerra Mundial, afirma efectivamente que esta combinava a tecnologia industrial moderna, mecânica e cibernética, e o princípio da

3.4.) A Guerra Total como massificação

Para os russos-soviéticos, por seu turno, a Guerra Total desvela-se como guerra das massas. Esta massificação advém de três dimensões: a geográfica, relativa ao espaço russo, a humana, relativa à mobilização geral da sociedade e das forças militares, e a tecnológica, relacionada com o armamento da força bélica. Segundo David Glantz e Jacques Sapir, no cerne do concepção de Estratégia soviética estava a Arte Operacional³⁵. Esta concepção assenta numa tripla massificação: a demográfica, a dos meios, e a do movimento.

A Arte Operacional combina forças terrestres e aéreas, ou aero-terrestres (e navais de acordo com as circunstâncias geográficas) para atingir objectivos estratégicos, quer do ponto de vista dos meios, quer das acções (operações, daí a sua denominação). Não é no sentido estrito uma visão operacional, mas uma concepção de guerra que visa fazer combinar os meios humanos e materiais e as operações num todo, com vista à decisão estratégica. Por isso, substantiva-se em sucessivas mas interligadas operações, visando destruir o poderio do adversário em profundidade estratégica³⁶. A Arte Operacional consubstancia o movimento e a massa. As operações sucessivas derivam da sociedade industrial moderna ser, simultaneamente, um universo mecânico e massificado, tendo no cerne do processo o proletariado (o económico-social) como elemento dinâmico da transformação da realidade social.

Como para os marxistas, a guerra é um reflexo da estrutura produtiva-social, é dos elementos dinâmicos desta que deriva o fundamento da doutrina e da estratégia militar, que se substantivam na Arte Operacional. A Arte Operacional representa assim a congregação dos dois factores que comandam a realidade político-económico-social da 2ª Revolução Industrial, a massa e a mecânica (o movimento)³⁷. É esta visão

ofensiva e da velocidade. Na realidade, tecnologia e cinemática expressavam essa mesma modernidade. Cf. Karl Heinz Frieser, «La Légende de la Blitzkrieg », in Mai-Juin 40, Défaite française, victoire allemande, sous l'œil des historiens étrangers, Paris, 2000, pp. 75-79.

35 Cf. Jacques Sapir, “Culture Soviétique de la Guerre”, in Thierry de Montbrial e Jean Klein, Dir., Dictionnaire de Stratégie, Paris, 2000, pp. 147-8 e David Glantz, Soviet Military Operational Art, In Pursuit of the Deep Battle, Londres, 1991, pp.10-11.

36 Cf. David Glantz, Op. Cit., pp. 16-18.

37 O movimento continua ainda hoje a ser importante nos processos económicos, mas ao contrário do que aconteceu na 2ª Revolução Industrial já não é o cerne do processo, nessa Era dominada pela racionalidade mecânica e maquinizada. Foi substituído pela comunicação/informação/precisão. Estes três elementos estão interligados. Na realidade, a velocidade do movimento só pode ganhar eficácia se for precisa, e para ser precisa, necessita de estruturas de comunicação que informem os decisores sobre a melhor opção de

que explicita a abrangência da concepção soviética de Arte Operacional. Esta não pode ser entendida à luz de uma noção estrita de operações, mas tem de ser alargada para incluir todas as lógicas a montante e a jusante, ou seja, a mobilização da força de batalha, em recursos materiais e humanos e em forças morais e ideológicas, que possibilitam no fim uma decisão favorável na contenda. As operações, são o processo que vai da mobilização ao triunfo militar, processo que significa agir com base na massa e no movimento. A Arte Operacional, numa leitura muito clausewitziana, centra-se no cerne da definição de guerra de Clausewitz, “um duelo”³⁸. É por a guerra ser um duelo, que no cerne da concepção de Guerra Total soviética está a Arte Operacional.

4) A “Visão da Guerra Total” no Pós II Guerra Mundial

As leituras da Guerra Total no período de entre-as-guerras, vão ser tenuamente modificadas nas duas superpotências vencedoras do conflito, a despeito da emergência do facto nuclear que, num certo sentido, acabou por ser informado nas “visões da Guerra Total” que vinham de antanho. Na perspectiva dos decisores estratégicos dos EUA e da URSS, as interpretações que tinham desenvolvido no período anterior à guerra tinham-se confirmado, afora algumas readaptações a considerar. Para os EUA, o cerne da Guerra Total continuava a ser a mobilização de poderosos recursos, que condensassem, em tempo curto, a decisão da III Guerra Mundial³⁹. Para a URSS, similarmemente, a Arte Operacional condensava o cerne da visão estratégica da Guerra Total⁴⁰, o que não quer dizer que não houvesse uma evolução conceptual. Ela pressentiu-se mais na progressiva criação de uma visão estratégica integrada, que permitisse uma grelha de análise mais global da guerra e do conflito em geral, com vista a possibilitar uma intervenção eficaz no espaço agónico, já não tão limitado ao campo de batalha clássico. Essa evolução foi favorecida, quer pela emergência do facto nuclear, quer ainda mais, pela disseminação das denominadas guerras subversivas e pelas impres-

acção, para que a celeridade tenha um sucesso quase instantâneo. O fenómeno é tão essencial na guerra como na economia.

38 Veja-se a definição de Clausewitz em *On War*, Princeton, 1989 (1984) (1832), p. 75.

39 Cf. nota 22.

40 A Doutrina nuclear soviética continuava a ser informada pelas lógicas criadas com a Arte Operacional, ou seja, o emprego em massa dos meios, o princípio da ofensiva, a acção em toda a profundidade do dispositivo bélico do inimigo. Cf. Jacques Laurent, “Evolution de la Pensée Militaire Soviétique: A la recherche d’une stratégie «adequate»”, *Stratégie*, N° 49, 1990, pp. 150-1.

cindíveis estratégias de contra-subversão. De facto, sendo esta modalidade de conflito tão distinta das de antanho, com similitudes e dissimilitudes face à lógica da Guerra Total⁴¹, tornava-se central desenvolver uma concepção de acção que fosse suficientemente abrangente para poder lidar com todos os aspectos da guerra. Surge, assim, a visão da Estratégia Total ou Integral.

5) *Para um Conceito de “Guerra Total”*

O que é então a Guerra Total?

Far-se-á agora uma aproximação a uma definição de Guerra Total. O conceito, apesar de muito disseminado, não parece ter sido objecto de estudos aprofundados. Em boa medida, a Guerra Total surgiu mais como uma expressão ideológico-política⁴², do que como um conceito de análise político-estratégico-militar. O conceito emerge com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, e traduz a mobilização total das nações para o esforço de guerra, mobilização não só militar mas também tecnológica, industrial, intelectual e mediática. Ela caracterizava a massificação, não só humana, mas fundamentalmente material, característica da guerra nas sociedades industriais^{43, 44}.

41 Um dos aspectos que similariza a guerra subversiva à Guerra Total é a lógica abrangente do combate, não limitado só ao choque clássico entre forças armadas, mas tocando todos os aspectos das sociedades em confronto: militares, económicos, sociais, políticos, éticos e morais. Pelo contrário, enquanto a Guerra Total é um conflito de altíssima intensidade, a guerra subversiva caracteriza-se pela baixa intensidade bélica.

42 A conclusão semelhante chega Jean-Yves Guiomar. Cf. o autor, Op. Cit., p. 302. Mas o autor valoriza esta visão. A Guerra Total, diz, é uma visão política da guerra, não militar, daí as dificuldades dos militares em conceptualizar a Guerra Total.

43 Essa centralidade da massificação humana e material é notavelmente expressa por Michel S. Neiberg, *Warfare in World History*, Londres, 2001, pp. 74-80.

44 De facto, é na Alemanha que mais longe se vai na idealização da Guerra Total, fenómeno originado na profunda percepção germânica da absoluta “materialização” e “mecanização” da guerra, onde os homens, deixam de ser massas activas para passarem a ser massas instrumentais, tão instrumentais como os meios materiais. É esta pura instrumentalização das massas que dá um toque extremamente mecânico às Guerras Mundiais que, por seu turno a faz sistémica, holista e total. Não pode, provavelmente, também deixar de pesar na concepção germânica, o peso da ideologia nazi que tem no cerne da sua acção a noção de destruição e extermínio. A “Guerra Total” de Erich Luddendorf e as obras de Ernest Junger expressam bem esta visão do fenómeno da Guerra Total, tal como é observada pelos alemães. Sobre a ideologia nazi, as obras de Ian Kershaw, *Hitler, um perfil de poder*, Rio de Janeiro, 1993, e Joachim Fest, *Les derniers jours d’Hitler*, Paris, 2002. Sobre a visão de Luddendorff e de Junger, ver os textos já citados.

A essa massificação da guerra correspondia o ideal de destruição e aniquilamento total do inimigo, um elemento central da totalização da própria Guerra Total. Mais, com a Guerra Total há uma efectiva maquinização da massificação humana, tornando o homem um instrumento, entre outros, do processo tecnológico-industrial-militar, processo holista na sua consecução mecânica.

Paradoxalmente, mas talvez espelhando bem essa realidade da massificação global da Guerra Total, é a perspectiva de Phillippe Masson ao relevar o papel da opinião pública nas democracias anglo-americanas na objectivação da vontade de aniquilamento do inimigo. Citando Tocqueville, Phillippe Masson realça que as opiniões públicas democráticas não gostam de resultados indefinidos, carregando consigo uma vontade moralista e justiceira que acaba por legitimar a Guerra Total contra os seus inimigos (no fundo, a democracia é expressão da massificação das sociedades)⁴⁵. A Guerra Total é assim assimilada àquilo a que se pode denominar de uma estratégia de aniquilamento, fazendo com que o centro de gravidade de um conflito deixe de ser as Forças Armadas de uma dada nação, para passar a ser efectivamente a sua população e a sua base económica de sustentação, exprimindo em última análise o objectivo último de aniquilamento de um dado país, reforçando a “totalização” do duelo⁴⁶. É a cartaginização da guerra.

Mas esta cartaginização da guerra, este afrontamento entre os povos, gera um fenómeno que na óptica de Jean-Yves Guioimar é central à racionalidade da Guerra Total. Se o confronto é entre povos, entre nações, então deixa de ser possível uma distinção entre o poder político e o poder militar. Estes integram-se e fundem-se num todo, fazendo confundir os objectivos políticos e militares, a vitória e a sobrevivência⁴⁷. A guerra torna-se um todo holista e, no embate, a racionalidade dos actores deixa de subordinar-se à política para se submeter à guerra, à lógica paroxística da guerra, que tudo deglutina e que faz ascender os poderes em duelo, a uma mera luta de necessidade, luta da vida ou morte.

É esta tendência da Guerra Total que ajuda a explicar a impossibilidade de fazer emergir uma visão alargada da Estratégia nesse tipo de conflitos. Esta visão alargada, a que se convencionou chamar de Estratégia Integral ou Total, e que não deve ser confundida com a Grande Estratégia anglo-saxónica, subordina a guerra à política e à Estratégia. Pelo contrário, na Guerra Total o embate existencial no sentido mais literal da

45 Cf. Phillippe Masson, “Guerre Totale”, in Thierry de Montbrial e Jean Klein, Dir., Dictionnaire de Stratégie, Paris, 2000, pp. 309-312.

46 Cf. Gérard Chaliand e Arnaud Blin, Dictionnaire de Stratégie Militaire, Paris, 1998, pp. 337-339.

47 Cf. Jean-Yves Guioimar, Op. Cit., pp. 288-292.

palavra, a guerra, torna-se a única possibilidade face ao perigo de destruição total, pelo que subordina as racionalidades políticas e estratégicas, que acabam por ter como fito a guerra permanente, visto a não guerra (a paz) só ser alcançável se já não houver adversários, ou seja, nada restar de um dos contendores⁴⁸. É isto que explica a interminabilidade da Guerra Total, tão bem detectada por Jean-Yves Guiomar, visto que face à impossibilidade de negociar um fim para o conflito, só resta alargá-lo desmesuradamente⁴⁹.

Neste último sentido, a guerra suga toda a realidade, a guerra torna-se a única realidade, pelo que não há real sem guerra e a guerra é fundamento de toda a existência, tornando qualquer racionalidade meramente instrumental à irracionalidade que sobredomina tudo, visto o homem deixar de ser dono da realidade para se submeter a uma existência que tudo suga, incluindo ele próprio, a guerra, que sendo o todo, é na verdade, a Guerra Total.

48 A Guerra do Leste é arquetipal da quase absoluta negação do outro. Hitler ao promover uma *rasenkampf*, uma guerra de raças, transformou o embate bélico num enfrentamento de extermínio em que o outro deixa de ter uma individualidade para passar a ser coisa, coisa abstrusa, obnóxica, que justifica e legítima moral e eticamente o seu extermínio. Curiosamente, e não entraremos aqui por questões morais, o mesmo processo se identifica na denominação do outro como terrorista. Este deixa de ser um outro para passar a ser uma estranha coisa. Sobre a lógica da Guerra do Leste, por exemplo, Cf. Antony Beevor, *Stalingrad*, Londres, 1999 (1998), pp. 15-18.

49 Jean-Yves Guiomar, *Op. Cit.*, pp. 19-21.